

MARIA A LIBERDADE É UMA TIRANIA

To be free is to be free from to be free silêncio já te disse Humberto to be a tree or not to be a tree. Queimadinha? Eu sei parar a guerra mas não quero quem é que disse que eu quero não quero nada quero tudo e já quero é que morram todos ou pelo menos quase todos que me deixem uma montanha de comida e gasolina para pegar fogo ao sítio todo tudo a arder e eu sentada a ver, a ver os meus olhos a arder.

O meu nome é Alberto não o meu nome é Roberto não chamo-me Antónia silêncio já disse Toininha para os vizinhos aqueles os da bomba o gajo da barba comprida que passa o tempo a espreitar as mulheres no parque que lhes corta a cabeça e as pendura nas árvores com um bilhete a dizer meu amor, meu amor, meu amor fizeste de mim o teu terror e depois?

Recuei! Recuei tanto que comecei a andar para a frente parei e voltei para trás esqueci-me do dinheiro! Não consigo viver sem dinheiro to be free is to be free from to be a tree. Silêncio qu'est que c'est? Livra desculpem lá mas não consigo viver sem guito atormenta-me a carteira vazia a barriga vazia o olhar vazio, o chão frio o céu a cair me em cima com aquele azul bebé esfarrapado ai mãe! Preciso de roubar alguém de matar alguém, de comer alguma coisa preciso de dinheiro! Silêncio já disse irra sabem que estava a mesmo agora aqui a pensar em que podíamos fazer um belo negócio se vocês acreditassem em mim nem que fosse por piedade bom então vejo nos vossos olhos o azul da desconfiança o verde do desespero e assim não se pode continuar, não há mesmo nada a fazer to be free is to be free from to be free. Silêncio já disse porra ao menos se vocês tivessem os olhos raiados de sangue como as avestruzes quando colocam a cabeça para baixo e enfiam a cabeça num sem fim amarelo escuro ser livre é ser livre de ser livre de ser livre de ser uma árvore silêncio!

Já disse porra livra irra I'm not in paradise now I'm not free to be free
silêncio já disse aqui no paraíso não há problema nenhum aqui é me
permitido ser nada não ter liberdade não querer nada do
queimadinho não ser tudo aquilo que sempre desejei uma eternidade
de liberdade para trás e uma eternidade de liberdade para os lados e
para a frente está tudo escuro de tanta liberdade um imenso escuro
azul sem nada para fazer agora mesmo neste lugar aqui comigo e
com pessoas a entrarem por portas enormes quero é que alguém me
dê dinheiro se fazes favor dá-me dinheiro. Se não me dás o guitol
sumol dou-te no cocol obriga-me a gritar obriga-me vá silêncio já
disse oiço portas a fecharem-se, todas as manhãs oiço portas a
fecharem-se pessoas a sair de casa detrás das portas está dinheiro
as portas do paraíso estão abertas para mim as portas abrem-se
para deixar as pessoas sair entro agora no paraíso após noites e
dias em que esbarrei contra portas fechadas não me é permitido
fechar portas no paraíso nem fumar lá dentro no paraíso não me
deixam fumar no inferno não me deixam tomar drogas no meio posso
embebedar-me até cair deixo-me cair de fuças no chão em busca de
trocós, moedas perdidas, beatas pisadas até os pés me levantarem
do chão e começarem a caminhar pelo céu e o meu nariz riscar as
ruas da cidade

Eh! Pá! O céu é o meu caminho dizia o idiota dos Anjos entalado
entre duas esquinas e meia dúzia de ruas todas com saída para o
jardim das delícias é lindo é muita lindo meu! No final tinha sempre
de voltar para trás em busca de outra saída! Tácticas to be a tree is
to be free from to be a tree. Silêncio!

Já disse xiça o louco das avenidas o amigo das avestruzes tinha os
olhos vermelhos como dois flashes na noite de núpcias do
Anarquista Animal I am not allowed to smoke marijuana gritava o
Animal Anarquista andava sempre a despir-se no meio da rua e com
a gaita a assobiar bem segura entre as mãos desatava a correr atrás
dos turistas a pedir-lhes guito era meu amigo o Anarquista Animal
um animoso ranhoso rançoso com todo o respeito, com todo o
respeito que se deve ao parapeito de onde se cai com o coração nas

mãos, de verdade um coração verdadeiro primeiro foi um coração de plástico daqueles cheios de bombons e depois foi mesmo um coração verdadeiro o seu coração verdadeiro o Animal Anarquista no dia do seu casamento arrancou-o do peito como um daqueles religiosos fanáticos que se queimam nas praças públicas daqueles que se flagelam com chicotes de palha, ramos de árvores cheias de galhos o coração a sair por entre as costelas e a carne a sangrar o people todo a desmaiar sem ar no peito, redondos no chão acho que foi isso, que foi assim que o vi no meio da rua a cambalear de um lado para o outro, o sangue a pingar e a escrever no chão a palavra liberdade quem a tem deve ser louco, gritei até ficar rouca Ó Maria a liberdade é uma tirania foi assim que o vi no meu sonho pesadelo acordei toda encharcada de azul desespero súor e vi-o a sair pela parede do meu quarto aos gritos ainda o chamei: ó Anarquista!!!! cabrão de Animal mais esquisito com duas pernas e sem nenhum coração.

A mim não me enganam mais! A mim nada me é proibido nada mesmo nada disseram-me eles posso ter tudo e fazer tudo o que quiser da minha vida mas quem são eles quantos são os que me querem proibir de quê? De me despir? Hã? Não me é permitido andar sem roupa quem é que diz isso? Então agora não se despem todos em palco queres ver? Posso despir-me aqui se quiser posso ou não posso e depois quem é que olha para mim estou toda núa estão a ver toda núa! Temos é vergonha do que temos de mais horrivelmente bonito

Ai! Antónia estou tão nervosa tenho aqui uma pedra no bolso que costumo chupar quando fico mais ansiosa e me recordo da minha infância nesses momentos procuro um cantinho escuro e começo a chupar chupo pedras até me passar a vontade de voltar para trás e de andar para a frente chupo doze pedras seguidas já consegui até chupar catorze pedras os dentes ficaram-me a doer nessa noite e a boca sabia a medo medo do chão temos medo do que temos de mais maravilhoso temos medo de pisar o chão temos medo de pisar o céu temos medo de nos pisar uns aos outros temos medo de pisar

o medo temos medo de odiar temos medo tenho medo sou feita de medo e carne a minha carne tem bolas de medo em vez de sangue a circular para cima e para baixo

Não agimos naturalmente uns para com os outros não agimos! Rastejamos naturalmente como cobras como peixes mortos a deslizar pelo rio amarelo que é lá para cima na conchina dos chineses esses amarelados do caraças! A cultura do amarelo repreende o amor do amarelo a cultura do amarelo repreende o amor pelos girassóis os que programaram o hoje, vivem a seguir de depois de amanhã, viveram ontem e anteontem os que programaram o hoje já se foram embora para casa curtir está tudo queimado tudo queimadinho os fusíveis os pistons a cambota, a perna bota, fizeram ó pffff... e a casa ardeu a gasolina escorreu pelos vales e deixou tudo amarelo onde não se sabe onde não se sabe onde começou tudo a arder mas eu sei eu sei tudo eu sei tudo o que é preciso não saber e faço tudo o que é preciso não fazer eu sou o amarelo silêncio porra já. Disse e sei que estão em todo o lado os amarelos nos telemóveis, nos gôpêesses, nos emails, na televisão, nos jornais, nos pudins flans na rádio, nas paredes, nos ouvidos, nas consciências, na maionese, nos cartões bancários ui os bancos nos bancos dos jardins, nos canos, nos asfaltos, nos sanitários, nos supermercados, no pão, nas ervilhas, no leite, no milho, na missa, no correio, na farmácia

Buuhhh fait atención non fait beaucoup d'attention

Arrependi-vos pecadores, a penitência purifica o sangue escorre, a dor fascina, só o medo te faz rezar ajoelha-te na piscina yellow dog heinz fuherrrr trrraiii frrrai praii griirgr vgbcgfk

Silêncio já disse pó trabalho meus queridos amorosos fascistas e todos os outros amarelos limões sem nome, sem ideal anarquistas sem esferas no sangue, sem setas no olhar comunistas sem morte no corpo idealistas sem ideais, inteligentes sem ideias, sem nada, sem vontade dá mas é para cá o guitol marmanjol que és

semelhante ao semelhante do existir sem respirar chegaste ao fim e
agora tens de recuar recua recua já disse avança anda pra trás faz
de ti um sem nome faz de ti um amarillo um beco sem saída

Os russos vêm aí, os chineses vêm aí, os espanhóis vêm aí, eu já cá
estou os americanos já se foram, os angolanos não querem vir eu já
cá estou e daqui ninguém me leva que o meu amor óió ai já dança
nesta roda que prá aí vai bate punheta come iogurte o nome do meu
ideal é o meu nome que não tenho nome nem pés para andar no céu
nem na terra, nem no chão, cortei os
pés com uma faca e sabão

Mas a merda é toda a mesma come que te faz bem come uma
sandes de queijo libertário e fiambre revolucionário compra compra a
ver se alguém te monta compra uma máquina de salsichas
empanturra-te de sanduíches lambidas, de cobras, jibóias e
lambisgóias, aldrabices e mariquices até te começarem a crescer
borbulhas em forma de palermices metralhadoras de salsichas a
saírem-te pelos olhos, pelo nariz, pelas unhas, pela boca, pelas
orelhas, pelo umbigo, ai por todos os buracos que tens minha ovelha
faz méééé minha linda que mal te aguentas em pé rasteja melão,
pum catrapum catrapum pum pum cheiras mal seu comilão, zarrão
ratatão cagalhão zarrão

Amarelo! Amarelo cala-te Humberto to be free is to be free from to be
a tree ser livre é ser livre de ser livre de ser livre de ser uma árvore
toda queimadinha livra ai que estou toda enganada

I'm in paradise now but I'm not free I'm not free to be free

Dá cá o guitol quero dinheiro bué da guito mato-te todinho se não me
deres todo o guito que tens na carteira e é já dá mas é cá o guitol
amarelo ranhoso
espeto-te um pau no sumol ficas a escorrer pelo passeio a desfazer-
te em desassossego meu cara de morcego cala-te cala-te silêncio!

Já disse tou a curtir não tou a sofrer sim tou a curtir tou a delirar tou
tou tou tototou sou uma metralhadora. Chamo me Deus adeus
adeus chamo-me Humberto deserto silêncio já disse tou a curtir tou a
sentir bué sou do corpo agora tou bué sou como a langonha que
também sonha unta-te! Então não se pode falar besunta-te! Não me
consegues ouvir não consegues dizer não consegues respirar não
consegues matar-me?

És uma besta! És uma criança besta! Silêncio já disse irra xiça apre
Hurra! Hurra! Hurra só gosto de carne de burra urra! Hurra! Zurra!
Macaco muito maúúú

1ª ENTRADA FALSA DA COREOGRAPHY

Viva o cais do sodré! E agora vou mas é dançar e bater o pé!

WELLCOME TO THE BORDELLO SONG

Boas noites senhoras e senhores,
Boas noites camaradas revolucionários e amigos conservadores,
Boas noites senhores milionários em quem a chuva não cai,
Em quem nada cai mas também de quem nada sai, uiui!
Boas noites sentimentalóides miseráveis sempre de boca aberta
Boa noite peixinhos e peixões sempre prontos pela boca a morrer
Boa noite Senhor Conde,
Boa noite Senhor Marquês,
Boa Noite senhor Ministro e sua amante escorregadia
Boa noite a mim próprio que não sou ninguém
Nem sequer o ar da noite fria onde alguém assobia
Sou um cego que anda aqui para vos agradar,
Podem rir-se, gozar, esticar o pernil, magoar, dizer mal enfim voar
Podem deixar a cabeça lá fora e trazer cá para dentro
As pernas, os braços, os olhos e a boca,
Podem virar-nos as costas que vos mordemos com meiguice,
Podem adormecer delicadamente nos nossos braços
Que vos comemos os sonhos e as lágrimas, riam e chorem

Que esta melodia vem de mãos dadas agora com o futuro

Sejam bem-vindos a esta pouco humilde casa
Onde o prazer se faz sozinho e a ordem é coisa pouca.
Puxem uma cadeira, não se sentem no chão
Acalmem a alma em brasa
Vamos começar por dar-vos um empurrão

Mas atenção não caias em tentação
Cuidado olha o copo cai da mão,
Da racha da saia, abre-se, uma porta vem
Abre os olhos, ai
Abraça de novo a tua
Alma de cão.

Olha em volta aprecia
Sonha espectro sonha!
Dança com os diamantes de olhos pintados,
Mexe nas coxas carnudas
Lambe o seios perfumados
Beija as carnes encarnadas
Beija os lábios viciados
Escorre a língua pela veia cheia

Mas atenção não caias
Cuidado olha o copo na mão cai
larga a saia sai, abre a porta vai,
abre os olhos, ai
abraça de novo a tua
vida de milionário anarquista

Revolta-te, rebola-te,
Anarquiza-te, imagina-te pirata,
põe-te de gatas e morde como um cão
Morde em ti mesmo até deixar de doer

Sonha, faz ronha nunca te esqueças:
Beija a langonha que esta também sonha
Sonha, faz ronha e nunca te esqueças:
Faz o teu dever para com o futuro e espera
que o futuro faça o seu dever para contigo
Sonha, faz ronha e nunca te esqueças:
Bora aí trabalhar todos juntos,
mas cada um por si mesmo
Sonha, faz ronha e nunca te esqueças:
Por muito que faças virá sempre alguém
Que dará cabo disto tudo, eheheheh
Eheheheh

É verdade: disseram-me há dias que V. em tempos **foi** anarquista...

Used to be, no. I was and am an anarchist. My position on that score hasn't changed.

Essa é boa! V. anarquista! Em que é que V. é anarquista? Só se V. dá à palavra qualquer sentido diferente...

Not at all. I **use** it in the **usual** sense.

Muito bem. V. diz, então, que é anarquista exactamente no mesmo sentido em que o são anarquistas esses tipos das organizações operárias? Então entre V. e esses tipos da bomba e dos sindicatos não há diferença nenhuma?

I didn't say that. Of course there's a difference. But it's not what you think it is. You probably suppose that my social theories aren't the same as theirs.

Ah, já percebi! V. quanto às teorias, é anarquista; quanto à prática...

I'm an anarchist in practice as much as in theory. In fact I'm much more of an anarchist, in terms of practice than the so-called anarchists you mention. My entire life proves it.

O quê!!! Hein?! Desculpe?

My entire life proves it. You've never given clear and careful thought to the matter. That's why you think I'm talking nonsense, or else pulling your leg

Ó homem, V. quer-me dizer que não há diferença entre as suas teorias verdadeiramente anarquistas e a prática da sua vida como ela é agora? V. quer que eu acredite que V. **tem uma vida** exactamente igual à dos tipos que vulgarmente são anarquistas?

No, certainly not. All I'm saying is that between my theories and the way I live there's no **discrepancy**, they're in **perfect** agreement. In me, **wealthy banker** and businessman – you could even call me a profiteer – in me the theory and practice of anarchism go hand in hand. You compared me to those fools who form unions and toss bombs to show that I'm different from them; and you are right, but the difference is that they are anarchists only in theory, whereas I'm an anarchist in **theory and practice**. They are anarchists and stupid; I'm an anarchist and intelligent. I, in other words, am the true anarchist. **They** – I used to be one of them until I discovered true anarchism – they are anarchism's dross, the **pussies** of this great libertarian doctrine.

Essa nem ao diabo a ouviram! É espantoso! Mas como concilia V. a sua vida quero dizer a sua vida bancária e comercial com as teorias anarquistas? Como o concilia, se diz que por teoria anarquista entende exactamente o que os anarquistas vulgares entendem? E, ainda por cima, me diz que é diferente deles por ser **mais** anarquista do que eles, não é verdade?

That's right. Listen, I was born into a **working class** family. I inherited neither a good name nor good circumstances. All I had was a naturally **clear thinking mind** and a reasonably strong will. These were **natural** gifts, which my humble birth couldn't take away from me. Like almost everyone else in my social class, I was a manual laborer who barely scraped by. I never went hungry, but I came close. Like all the rest, I worked because I had to, and I worked as little as **possible**. But I was **smart**. I read things and discussed things whenever I could, and since I was no fool, I came to greatly resent my lot and the social conditions responsible for it. My lot, as I've mentioned, could have been worse, but at the time I felt as if **Fate** had taken advantage of social conventions to heap all the world's injustices on top of me. I was about twenty years old, or twenty-one at most, I felt **resentful**, **rebellious** and that's when I became a consciously, logically convinced anarchist – the same convinced anarchist that I am **today**.

E a teoria, que V. tem **hoje**, é a mesma que tinha nessa altura?

Absolutely. There is only one genuinely anarchist theory. You'll see I have the same theory now as I had then. As I was saying, since I'm clear thinking by nature, **I consciously and logically** became an anarchist.

Então explique-me por favor: o que é na realidade um **anarquista**?

It's someone who rebels against the injustice of people being born **socially** unequal – that's what it boils down to. And this gives rise, as we see **time and again**, to open revolt against the social conventions that make that inequality possible. Just imagine the resentment of an intelligent person in my circumstances. Looking around the world, what does he see? One man is born the son of a millionaire, instantly protected against the considerable number of adversities that money can fend off or at least mitigate; another is born as a **miserable creature** into a family where there are already too many mouths to feed. A man who's born a **count** or a **marquis** is treated with respect

no matter what he does, whereas a man like me has to do everything to a **T** or he'll be treated like **dog**. Some, because they're born into good circumstances, can study, travel, and go to school, thereby surpassing (in a certain way) those who are by **nature** more intelligent. And it's that way in all of life...

Mas as injustiças da **Natureza**, não as podemos evitar...

But **we can** and should fight against the injustices of society and its conventions. I accept – I have no choice but to accept – that a man is superior to me because of the talent, strength, and energy that Nature has endowed him with; I don't accept that he's my superior because of qualities that are in no way innate but that he received, by sheer luck, as soon as he left **his mother's womb**: wealth, social position, favorable circumstances, etc. It was this sort of thing that I **deeply resented** and that gave rise to my anarchism – the very same anarchism I maintain to this day.

OS CÃES UKRANIANOS QUE VIERAM DO FRIO

(Blá, blá, blá)

...

Uma pergunta, por curiosidade... Por que é que V. se tornou propriamente anarquista? V. podia ter-se tornado socialista, ou qualquer outra coisa avançada que não fosse tão longe. Tudo isso estava dentro da sua revolta! Deduzo do que V. disse que por anarquismo V. entende (e acho que está bem como definição do anarquismo): a revolta contra todas as convenções e fórmulas sociais e o desejo e o esforço para a abolição de todas! Por que escolheu V. essa fórmula extrema e não se decidiu por qualquer das outras... das intermédias?

I chose the anarchist theory, which you rightly consider to be the most **radical** of all, for the simple reasons I'll now explain in **two words: social fictions**. The only real evils in the world are the

various social conventions and fictions – from religion and the family to money and the state – that have been superimposed on the natural realities. We're born to be men or women, or rather, to grow up to be men or women. We're not born, **naturally** speaking, to be husbands or wives, to be rich or poor, Catholic or Protestant, Portuguese or English. All these things that define us are **social fictions**.

Social fictions? E porque é que essas ficções sociais são más? Ah? Porquê?

Because they're fictions, because they're **not natural**. Money is as bad as the state, the institution of the family as bad as religion. If there were other fictions besides these, they would be equally bad, because they would also be fictions, because they would also overlay and obstruct **natural realities**. And any system besides pure anarchism, which aims to do away with all systems is likewise a fiction. To engage all our yearning, all our effort and all our intelligence in the furtherance of one social fiction instead of another is absurd if not outrightly criminal, since it means causing a social disturbance for the express purpose of leaving everything the same. If we think social fictions are unjust, why struggle to replace them with other fictions when we can strive instead **to destroy** them all?

Isso parece-me que é concludente. Mas suponhamos que o não é; suponhamos que nos objectam que isso tudo estará muito certo, mas que o **sistema** anarquista não é realizável na prática.

Why wouldn't it be possible to put the anarchist system into practice? All of us who are progressive agree that the present system is **unjust**, and that it should be replaced by a more equitable one. Whoever doesn't think this way is **bourgeois**, not **progressive**.

Mas de onde vem o nosso **critério de justiça**?

It comes from what is **true** and **natural**, in opposition to social fictions and the lies of convention. And when I say natural, I mean **completely** natural, not **half** natural or a **quarter** or an **eighth**

natural. Do you follow me? Now, one of two things must be true: either it's possible to put what's natural into social practice, or.... it isn't possible. In other words, either it's possible for a natural society to exist, or, society is a **pure fiction** that can in no way be natural. If a natural society is possible, then an anarchist, or free society can exist and should exist, since it would be a **completely natural society**.

E se a sociedade não puder ser natural, se (por qualquer razão que não importa agora) a nossa sociedade tiver por força que ser uma ficção?

Then let's make the best of it. Let's make the fiction as natural – and thereby as just - as possible.

2ª ENTRADA FALSA DA COCOREOGRAPHY

O que é isso? O que é uma **ficção natural**? Isso existe?

Well, no fiction is natural per se, but for our purposes, the most natural fiction will be the one that **seems** the most natural, that **feels** the most natural.

Ora qual é a ficção social que **parece ser** ou que se **sente ser** como a mais natural?

The fiction we are **used** to! Smoking isn't natural; it's not an instinctive need. But if we get used to smoking, it becomes a natural act; it ends up **feeling** like an instinctive need. The social fiction we're most used to is, of course, the present system, the bourgeois system. And so according to the dictates of logic, if we believe that a **natural society** is possible, we will advocate anarchism, **but**, if we believe it to be impossible, we will defend the **bourgeois regime**. Do you follow me?

VIVA A LANGONHA MULTICANAL
VIVAM OS ANALISTAS FUTURISTAS
VIVAM OS CAMIONISTAS, SEXISTAS, TAXISTAS, OS CHUPISTAS

VIVA O CAPITALISMO
VIVA O GUITOL SUMOL

Sim, senhor! V. estou a segui-lo perfeitamente; isso é devastador, concludente, absolutamente arrasador, é o final de tudo...

Not quite! There's another objection that needs to be dealt with. **Someone** might argue that the anarchist system is indeed feasible but that it cannot be introduced overnight. This someone, while admitting that an anarchist society is a good and realistic goal, suspects that there will have to be some sort of **transitional state** between **it** and our current bourgeois society.

Ora muito bem. Suponhamos que assim é. Então: o que é esse estado **intermédio – transitório** de que fala?

Well it must be one that prepares humanity for our goal, an anarchist or free society.

Essa preparação será **material e mental?** Ou será uma série de realizações materiais e sociais que vão adaptando a humanidade à sociedade natural e livre? Ou será simples propaganda, gradualmente crescente e influente, que vai preparando mentalmente o homem a desejá-la e a aceitá-la, à sociedade **libertada?**

The first proposition – the gradual, material adaptation of humanity to the free society – is **impossible**. Not only impossible but also absurd. You can only **materially adapt** to something that already exists. We could never materially adapt to the social milieu of the twenty third century, even if we knew what it were going to be. We can't materially adapt to the twenty third century and its social milieu for the simple reason that they do not yet materially exist. We may therefore conclude that the only adaptation, evolution, or transition that can occur in passing from the bourgeois society to the free society is **psychological**; adapting **people's minds** to the idea of the free

society ...but in fact there's another possibility, in the area of material adaptation that we still haven't considered.

Irra com tanta hipótese! Já estou quase a dormir! Hipnotizado!

Be patient, my friend. The clear thinking man must consider and refute all possible **objections** before he can affirm his doctrine to be true. And besides, you asked the question in the first place.

Está bem. Culpado! Está muito bem. Continue por favor!

As I was saying, in the area of material adaptation, there's still another possibility: the **revolutionary dictatorship**.

Ah? Como? A **ditadura revolucionária**? Mas como?

As I've explained, we can't materially adapt to something that still doesn't exist. But what if a **violent** upheaval were to bring about a dictatorship of those who want to establish the free society. At this point there would already exist a material outline, or beginning, of the free society. And thus there would be something to which humanity could adapt. This is the argument that the idiots who defend the "dictatorship of the proletariat" would use if they knew how to argue or think. The argument is mine, of course, not theirs. I submit it to myself as an objection. And as I will show you, it is false.

THE DOOMED SONG

The revolutionary is a doomed man.

He has no personal interests, no business affairs, no emotions, no attachments, no property, and no name.

Ah ah ah ah ah ah ah, Aah ah ah ah ah ah ah ah, Aah

Everything in him is completely dedicated to the single thought, and the single passion for: The Revolution.

[Coro Doomed...]

Tyrannical toward himself, he must be tyrannical toward others. All the gentle and enervating sentiments of kinship, love, friendship, gratitude, and even honor, must be suppressed in him and give place to the cold and single-minded passion for the revolution.

[Coro Doomed com So Fucking doomed]

For the revolutionary, there exists only one pleasure, one consolation, one reward, one satisfaction – the success of the revolution.

The revolutionary despises public opinion. He despises and hates the existing social morality in all its manifestations.

[Coro I Have No Name]

The revolutionary is a dedicated man. He must accustom himself to torture. He knows only one science: the science of destruction so night and day he must have but one thought, one aim – merciless destruction.

[Coro Merciless Destruction]

Striving cold-bloodedly toward this end, he must be prepared to destroy himself and to destroy with his own hands everything that stands in the path of the revolution.

[Coro Doomed]

I don't know **much history**, but what I do know bears this out, as it logically must. What came out of the political uprisings in Rome?

O Império Romano e seu despotismo militar!

What came out of the French Revolution?

Napoleão e seu despotismo militar.

And you have seen what came out of the Russian Revolution: something that set back the goal of a free society by decades. But what more could we have expected from a nation of mystics and vodka drinking illiterates! But I'm getting off the track... So that the inevitable outcome of a **revolutionary dictatorship** – and the longer the dictatorship, the more pronounced the outcome – is a warlike, dictatorial-type society. Military despotism, in other words. That's how it has always been and how it will always be. Have you followed my argument?

Perfectly. Percebi perfeitamente amigo.

Then you can understand the conclusion I reached. **Goal:** an abrupt passage, with no transition, from bourgeois society to an anarchist or free society. **Means:** an intense, sweeping **propaganda** campaign, designed to prepare people's minds and break down all resistance. By propaganda, of course, I don't mean just the written and spoken word. I mean everything that by direct or indirect action can prepare people for the free society and break down resistance to its coming. In this way, with virtually no more resistance to overcome, the social revolution, when it arrives, **will be swift and easy**. There will be no need for a revolutionary dictatorship to crush the opposition, since there won't be any. If it can't happen this way, then anarchism is unattainable; and if anarchism is unattainable, then the fairest and only defensible society, as I've already shown, is **bourgeois society**. There you have why and how I became an anarchist, and why and how I **rejected** other, less radical social doctrines as false and unnatural. What I thought then – I repeat, my friend - is what I think today. The only difference is that back then I merely thought it, whereas today I think and practice it.

Pois sim; isso, até onde vai isto tudo, está muito bem. Está muito certo que V. se tornasse anarquista assim, e vejo perfeitamente que V. era anarquista. Não preciso mais provas disso. O que eu quero

saber é como é que daí saiu: **o banqueiro...**, como é que saiu daí sem contradição! Isto é, mais ou menos, eu já calculo, já adivinho como foi!

I know what you were going to say. Given the arguments I've just set fourth, you supposed that I found anarchism to be an unattainable goal, leaving bourgeois society as the only **fair** and **defensible alternative**. Right?

Sim, calculei que fosse mais ou menos isso.

Wrong.

ESTÚPIDO
ESTÚPIDO
ESTÚPIDO

But how could that be when, ever since we started this discussion, I've insisted that I am an anarchist; that I not only was one but that I continue to be one? If I'd become a banker and businessman for the reason you supposed, I'd be bourgeois, not an anarchist.

Sim, V. tem razão! Peço desculpa! Mas então como diabo? Vá lá, vá dizendo...

As I told you, I've always been basically clear thinking, and I've always been a **man of action**. These are natural qualities. They weren't given to me; I had them when I came in to the world. Due to these qualities, I couldn't stand to be a passive anarchist, **to just listen to speeches** and to **talk** about anarchism with friends. No: I had to do something! I wanted to work and to fight on behalf of the oppressed and the victims of social conventions! Having decided to do whatever I could do, I thought about how I could be useful to the libertarian cause. I started to lay out my **plan of action**.

THE EVIL MONKEY SHOW

Enterrados vivos
Estamos a ser enterrados vivos

A tampa do caixão vai-se tornando mais e mais pesada
até que já não conseguimos respirar

Estamos a ser enterrados vivos

Podemos respirar o suficiente até não haver mais ar
Podemos respirar até saber que não podemos respirar
Podemos respirar até a terra nos entrar pela boca
Podemos respirar até o chumbo nos envenenar o sangue

Queimados vivos
Estamos a ser queimados vivos
Até que o sol nos rebente o coração, os miolos e nos queime os dentes
A luz do sol está a ficar tão quente que vamos todos ficar cegos
Está tudo tão quente que vamos todos viver em buracos
AHHH!

Estamos a ser enterrados vivos
Enterrados vivos
Podemos rastejar o suficiente até cair no buraco
Podemos apodrecer dentro do buraco
Podemos rastejar até não conseguir sair
Rastejar até parar de rastejar
Rastejar até ficar de cócoras no buraco à espera de outro buraco

Enterrados vivos
Estamos a ser enterrados vivos
Ohhhhh!!!
Os velhos deram cabo desta merda toda e têm mais conselhos para nos dar
Os velhos sabem-na toda e ainda sabem mais alguma coisa

Os velhos têm sempre alguma coisa para dizer e mandar fazer
Os velhos que vão todos para o buraco apodrecer
Os velhos que morram calados e não venham cá dizer
que só eles sabem como nos podemos salvar

Enterrados vivos
Estamos a ser enterrados vivos
Podemos falar e falar até que as línguas nos caiam
Podemos falar e falar até que os dentes apodreçam
Podemos comer e calar até que as gengivas desapareçam
Podemos calar e calar até que os ossos deixem de sonhar
Podemos calar e falar até que a luz se apague.

Queimados vivos
Estamos a ser queimados vivos

I am talking about enthusiasm!
Not about rules!
Not about television!
Not about cars!
Not about buildings and roads!
Not about lines and numbers!
Not about laws and jails!
Not about imagination!
I am talking about enthusiasm!
I am talking about uh uh ah ah
I am talking about uh uh ah ah ah
Uh uh uh ah ah ah!

I am talking about fucking pleasure!
Not about tv set's, internet's, radioheads, talking heads, stupid heads!
Not about televised everything, anything, all the time, any time, every
time, sheet time!
Not about God's, not about money not about not about..
Uh uh ah ah ah ahh!!

I am talking about nothing!
I am talking about nothing!
I am talking about nothing!
I am talking about where there is nothing!
I am talking about where there is nothing!
I am talking about the evil monkey show!
I am talking about what you want!

...

What does an anarchist want?

O que quer o anarquista?

O QUE QUER O ANARQUISTA?

O QUE QUER O ANARQUISTA?

O QUE QUER O ANARQUISTA?

Ora muito bem! Liberdade! **Quer liberdade** para si e para os outros, para a humanidade inteira.

He wants **to be free** from the **influence** and pressure of social fictions, and he wants this freedom for everyone. People are not equal in their natural gifts: some are born tall, others short; some strong, others weak; some more intelligent than others ...but we can all be equal from that point on. Social fictions are the only **hindrance**. They I realised, were what had to be destroyed. They had to be destroyed, but – I thought to myself - only on one condition: they had to be destroyed in order **to promote freedom**. For if the destruction of social fictions can pave the way to freedom, it can also clear the way for **new** social fictions – equally bad because equally fictitious. So I had to conceive **a plan of action**, that would help destroy social fictions without, at the same time, hindering the creation of **future freedom**. The best plan would create some of that future freedom right now. It goes without saying that, besides not obstructing the freedom of the future, we should be careful not to hinder the freedom of those oppressed by social fictions right now. We obviously needn't worry about hindering the "freedom" of the powerful and the

privileged, who represent social fictions and profit from them. What they have isn't true freedom but **freedom to oppress**, which is freedom's opposite, and this we should actively try to hinder and fight. I think that's clear enough...

Está claríssimo. Por favor! Continue...

So ... who does the anarchist want freedom for?

O anarquista quer a liberdade para a humanidade inteira.

How will he achieve freedom for all humanity?

Destruindo por completo todas as ficções sociais.

How will he **destroy** all social fictions?

Ele destrói as ficções sociais através de uma revolução social **súbita**, brusca, esmagadora, fazendo a sociedade passar, de um salto, do regime burguês para a sociedade livre. A revolução social deve ser preparada por um trabalho intenso e contínuo, de acção directa e indirecta, tendente a dispor todos os espíritos livres para a vinda da **sociedade libertada**, e a enfraquecer até ao estado comatoso todas as resistências da sociedade burguesa.

Yes.

YES. YES. YES.

Somos uns grandeS revolucionários. Começo a gostar disto!

Yes. This revolution would ideally be worldwide, occurring **simultaneously** in all points, or at least in all key points around the world; or, if this weren't possible, then **quickly spreading** from one point to another and being, in every point and **every nation**, a complete and categorical revolution.

Extraordinário. Fantástico. Muito bem. (sounds fantastic!!) Let's start the revolution now! **Revolution Now!** Immediately!

Now how could I make this **revolution** happen? By myself I could never bring about complete social revolution in the country where I was living, let alone all around the whole world. No, what I could do was work, to the utmost of my capacity, to prepare for this revolution: by using all means available to fight social fictions; by making sure that this fight and my propaganda on behalf of the free society would never hinder the freedom of the future or the limited freedom already possible for the oppressed and to create, if possible, something of that **future freedom right now**. It was at this point, my friend, that I put my clear thinking into action. To work for the future **is fine**, I thought, and to work for the freedom of others **is good**. But what about me? **Don't I count?** I mean, if I were a Christian, I'd cheerfully work for other people's future, because I'd have my reward in heaven, the social inequalities of our brief life on earth wouldn't matter; they would merely be part of God's testing, to be compensated by **eternal life**. But I wasn't, and am not, a Christian, I am an anarchist; so I had to ask myself: just **who am I sacrificing myself for?** And why?

Desgraçado. Vieram-lhe momentos de descrença?

And you can see the reason... **I'm a materialist**, I thought. This is the only life I have, so why should I worry about social inequalities and changing how people think when I could have a lot more **fun** if I didn't worry about such things? Why should someone who only has **one life**, who doesn't believe in eternal life, who accepts no law except Nature, who opposes the state because it isn't natural, marriage because it isn't natural – why the devil should such a person advocate **altruism** and **self-sacrifice**, when altruism and self-sacrifice are equally **unnatural**? Yes, the same logic that shows me that a man isn't born to be married, or to be Portuguese, or to be rich or poor, also shows me that he's not born to be public spirited, no he's born only to be **himself**, and thus the opposite of public spirited,

and thus completely **selfish**. I debated the matter with myself. **You're forgetting**, said one part of me to the other, "that we're born into the human species, it's our duty to defend the welfare of all men." But is the **notion of "duty"** natural? Where does this notion come from?" I asked myself: I mean, if it obliges me to sacrifice my own **well-being**, my own **comfort**, my **survival instinct**, then doesn't it have the very same effect as any of the social fictions? No, this notion that we have **a duty to look out** for other humans can only be considered natural if it somehow **rewards** the individual self, since then, when all is said and done, it won't really go against our natural selfishness, even though it may do so in principle. To simply deny ourselves pleasure is unnatural, but to deny ourselves one pleasure for the sake of another is a different matter, for it's part of the natural order to **choose** between two things when we can't naturally have both.

Que compensação **egoísta**, ou natural, fez com que se dedicasse à causa da sociedade libertada e da futura felicidade humana?

Well... the awareness of having done my duty, of having worked toward a worthy goal. This, however, is not a pleasure per se but a pleasure, born of a fiction, like the pleasure of being extremely rich or being born into good social circumstances. I confess, my friend that I had some moments of serious doubt. I felt like a **traitor to my creed**,. The notion of **justice is inside me** I thought. I feel it naturally. I feel a duty that goes beyond my concern for my own fate. And so I **went forward** in my chosen path.

Não me parece que essa decisão revelasse uma grande lucidez da sua parte... V. não resolveu a dificuldade... V. foi para diante por um impulso absolutamente **sentimental!**

THE INVISIBLE UKALELE NUMBER

Quite right. But I'm telling my **personal** story. Of how I became an anarchist and have remained one to this day. To do that, I'm laying out the various problems and hesitations I felt, and explaining how I

overcame them. At this point in my story, you're right; I overcame the logical problem with **feelings** rather than with **reason**. But you'll see how this logically unresolved problem was completely and definitively cleared up once I gained a full understanding of the anarchist doctrine.

RISOS REPETITIVOS

INTERVALO

V. é curioso!

I am indeed... Then another, no less troublesome problem popped into my mind. Okay, I thought, I'm willing to sacrifice myself without any personal, or, in other words, with no truly natural reward. But suppose the **future society** doesn't turn out as I hope? Suppose a free society never materializes? Then what the hell am I sacrificing myself for? To sacrifice myself for an idea without receiving any personal reward was one thing, but to sacrifice myself and not have the slightest guarantee that the idea I'm working for will ever become a reality was something else again... Well, I'll tell you up front that I dealt with this problem in the same **sentimental way** I'd dealt with the other, but I must also say that, just as with the other problem, this one was logically and automatically resolved once I reached the stage of full awareness in my anarchism. You'll see... At the time, I got around it with an empty phrase or two: **I'm doing my duty for the future; it's up to the future to do its duty for me**. Or something to that effect. I explained this conclusion, or rather, these conclusions, to my comrades, and they all agreed with me. They all agreed that **we needed to go forward** and do everything we could for a free society. Actually, several of the more intelligent fellows were a bit taken aback by my explanation, not because they disagreed, but because they'd never heard these matters set forth so clearly, nor realized how complex they really were. But in the end everyone agreed. We were all going to work for the great social revolution, for a free society, regardless of whether the future would vindicate our efforts or not!

We formed a group of like-minded people and began a **fervent campaign** to spread our ideas as best we could, given our limitations. Amid hardships, entanglements, and even persecutions we carried on, working for the anarchist ideal. And then, after a few months of campaigning something **new** occurred, I began to notice a **new complication**, much more serious than the others. You remember, don't you, what I lucidly and logically concluded would be the best course of action for anarchists?

Lembro-me? Sim claro! Um **processo**, ou processos, quaisquer pelo quais se contribuísse para destruir as ficções sociais sem, ao mesmo tempo, estorvar a criação da liberdade futura, sem, portanto, estorvar em coisa nenhuma a pouca liberdade dos actuais oprimidos pelas ficções sociais; um processo que, se fosse possível, criasse desde logo alguma coisa da liberdade futura.

Well, having established those **principles**, I never lost sight of them. But after a few months of our efforts, I discovered something. Our anarchist group, which wasn't large - there were only about forty of us - was beginning to **breed tyranny**.

Criar-se tirania? Criava-se tirania como?

SERPENTES À ESPREITA

Simple! Some people took charge, obliging the rest of us to follow. Some imposed their will, forcing the rest of us to do what they wanted. Some used cunning and trickery to drag others down paths they didn't want to go. I'm not saying this happened in **serious matters**; it didn't. But the **fact** is that it happened every single day, not only in matters related to our campaign to promote anarchism but in everyday matters of life. Almost **imperceptibly**, some became leaders, while others became followers. This was observable in the tiniest things. For instance: two fellows would walk down the street together. At the end of the street, one needed to turn right, and the other left; each had a good reason for going in his particular direction.

But the one who needed to go left said to the other, “Come along with me”, to which the other truthfully answered, “I can’t, pal, I need to go the other way”. But **in the end**, against his will and his **own interest**, he would go along with the fellow who needed to go left. Sometimes this happened through **arm-twisting**, sometimes **insistence** or some other cause. But it was never because of a logical reason. This **domination** and **subordination** always had something **spontaneous** about it, as if it were **instinctive**. And as in this simple case, so in all cases, from the least to the most important ones. Do you see my point?

Vejo o ponto vejo. Até vejo uma data de pontos que nunca mais acabam. V. mas que diabo há de estranho nisso? Isso é tudo quanto há de mais natural...

Perhaps. I’ll get to that. For now I merely wish to point out that this goes **completely against** anarchist doctrine. Note that this occurred in a small group, with no real influence or importance, a group that wasn’t responsible for solving any major problems. And note that it was a group of people who had joined together specifically to promote the anarchist cause – to do everything in their power to oppose social fictions and to create, as far as possible, **the freedom of the future**. Are you with me on these two points?

Estou sim senhor! V. continue!

A small group of sincere people formed expressly to work for the cause of freedom, had achieved, after a few months, just one unequivocal, concrete result: **the creation of tyranny** in its midst. And consider what sort of tyranny! Not a tyranny derived from social fictions - which would be excusable up to a point – less so, of course, in those who were fighting those fictions, yet who couldn’t be blamed for not entirely escaping their influence, since they were living in a society that was founded on them. No, it wasn’t that kind of tyranny. Those who took charge and forced others to follow them didn’t do so on the basis of their wealth or their social rank or some other

fictitious, unjustly assumed authority. Their actions were founded on **something else**, so their tyranny, having nothing to do with social fictions, was a **new tyranny**. Not only that; it was a tyranny inflicted on people who were already being oppressed by social fictions. And to top it off, it was a tyranny inflicted by people whose sincere goal was none other than to **destroy tyranny** and create freedom. Now imagine transferring this situation to a much larger, more powerful group. Imagine that group directing all its efforts, like our group, toward the formation of a free society. And now tell me if, through that **jumble of criss-crossing tyrannies**, you can see in the future anything that remotely resembles a free society or humanity worthy of the name.

GRITO DO ABISMO

Sim: não vejo nada, o que para além de curioso é preocupante!

Isn't it? And there are various related phenomena that are no less interesting. The tyranny of **helping**, for example...

Desculpe? O quê? A tirania do quê?

The tyranny of helping.

A tirania do quê? Do auxílio? De dar a mão ao próximo? A tirania de ajudar àquele que cai?

Instead of trying to dominate or impose their will on others, some people in our group, quite to the contrary, did everything they could to help others. It seems like the contrary, doesn't it? Well, it isn't. It's another **version** of the same new tyranny and it's every bit as contrary to **anarchist principles**.

Isso é que é completamente absurdo!

No! Listen. When we help someone, we treat him as if he were **incompetent**; if he's not incompetent, we help make him that way, which is tyranny, or we suppose he's that way, which is **contempt**. In the former case, we restrict his freedom. In the latter case we assume, at least unconsciously, that he's **stupid** and **unworthy** or **incapable of freedom**. It was one thing to work for the ideal future society without expecting it to ever thank us and without even being certain that this society would materialize. But it was quite another to work for the freedom of the future and have nothing to show for it other than the **creation of tyranny**. And not just any tyranny, oh no.... but a brand-new tyranny: a tyranny that we, the oppressed, were inflicting on one another. This was **too much to swallow**.

Deve haver aí um desvio qualquer, um erro. Está muito bem! Antes de continuar vamos ouvir mais uma canção então!

PIMBA SONG

(À Capela) Quando nasci pela primeirinha vez
Tinha tinha a liberdade que a terra pode dar
Tinha rabo e cara de macaco
Só me assustava com os grandes trovões

Então cresci governado e controlado
Pensar por mim próprio era pecado

Quando nasci pela segunda vez
Fui perdendo a liberdade de andar na rua
De sair à noite e olhar para a lua
Por causa dos macacos os macacos macacões

De me sentir tão aprisionado
Parti portas e janelas ocupei casarões

Quando nasci pela última vez
Fui criado em época dita dura

Fui maltratado, achincalhado, enxovalhado
Criança besta de traseira dura.

Sou artista banhista peço dinheiro na rua
Os meus amigos são bombistas, banqueiros e anarquistas

SOU UM MACACO MUITO MAU, MUITO MAU

A DITADURA COME-A TU,
A DEMOCRACIA É UM XUXU
A LIBERDADE TRATO-A POR TU,
OS MACACÕES COMEM-NOS TUDO
MAS LÁ NO FIM DO TUNEL VAMOS MORRER
VAMOS MESMO TODOS MORRER
SOZINHÚS, SOZINHÚS, SOZINHÚS

Quando nasci pela primeira vez
Olhei para mim com muita atenção
Tenho tanto pêlo, dentes grandes
Um olhar feroz: Ai que aflição!

O que vejo à minha frente não é o meu mundo
Perdi-me neste caminho e agora estou a bater mal

Quando nasci pela segunda vez
Cheirava mal, tinha olhos tortos, era invejosa
Peguei num pau e parti a mona da vizinha
Queria roubar-me o macaco de estimação!

Hoje vivo só sem lei mas é tudo a fingir
O governo não me convém, não me faz bem

Quando nasci desta última vez
Era em mim que estava a solução!
Eu sou diferente tornei-me um animal doente
Senhor do destino, um sacana egoísta

Agora vigarista roubo dinheiro na rua
Os meus amigos são artistas banqueiros e anarquistas

SOU UM HOMEM DE PAU

A DITADURA COME-A TU,
A DEMOCRACIA É UM XUXU
A LIBERDADE TRATO-A POR TU,
OS MACACÕES COMEM-NOS TUDO

MAS LÁ NO FIM DO TUNEL VAMOS MORRER
VAMOS MESMO TODOS MORRER
SOZINHÚS, SOZINHÚS, SOZINHÚS

Voltando ao assunto de criarem tirania entre os membros do grupo anarquista! Se os vossos intuitos eram bons; as vossas doutrinas pareciam certas; seriam errados os vossos processos? Com certeza que deveriam ser.

But where was the error? I thought so hard I almost went mad. Then one day, out of the blue, as always happens in these things, I hit on the solution. It was **the red-letter day** of my anarchist life, the day I discovered the **Anarchist Method**, if I may so call it.

HURRA HURRA HURRA SÓ BEBO LEITE DE BURRA

I thought: Here we have this **new tyranny** that doesn't derive from social fictions.

Então onde é se origina essa tirania? Só pode derivar das nossas qualidades naturais? E nesse caso...

If so, then we can **kiss** the free society good-bye! If a society based exclusively on natural human qualities, those we get from Nature at birth and over which we have no control would be an **amalgam of tyrannies**, then who's going to lift a finger to bring it about? Between

one tyranny and another, better to stick with the one we know, which we're at least used to and therefore don't feel as keenly as we would a new tyranny, particularly one that comes directly from Nature. **Rebelling** against a tyranny that comes directly from nature would be useless, like rebelling against **death**, or against being born short instead of tall. But was this tyranny really derived from natural qualities? What sorts of qualities are natural?

Isso já sei. São o grau de inteligência, de imaginação, de vontade, etc., com que cada um de nós nasce isto no campo mental, é claro, porque as nossas qualidades físicas e naturais não vêm para o caso.

Now if one man gives orders to another, and there's no **influence** of social fictions at work, then he **dominates** the other through the use of his natural qualities. But we must still consider whether this use of natural qualities **is legitimate**. Is it, in other words, natural?

Não sei! Já estou tonto de tanto pensar. Qual será o emprego natural das nossas **qualidades** naturais? Servir os fins naturais da nossa personalidade. Dominar alguém será um fim natural da nossa personalidade? Não sei, pode ser que sim. O que é que V. acha?

It is in one particular case: when that someone is our **enemy**. For the anarchist, any representative of social fictions and their tyranny is clearly an enemy; all other men, because they're people just like him, are natural **comrades**. As we've seen, the tyranny we created was inflicted on natural comrades, on people, in fact, who were our comrades twice over, since they shared the same ideals. And so our tyranny, which did not derive from social fictions, likewise did not derive from natural qualities. It derived from a **mistaken** application, a **perversion**, of natural qualities.

E essa **perversão** das nossas qualidades naturais, de onde é que provem?

It had to be one of two things. Either man was naturally bad, and our natural qualities were naturally perverted, or the perversion resulted from humanity's long exposure to an atmosphere of social fictions so that the natural use of man's most natural qualities came to be **instinctively tyrannical**.

E destas duas hipóteses, qual é a verdadeira?

It was impossible to determine in a satisfactory – that is, strictly logical or scientific – way. Logical reasoning cannot apply here, since the problem is historical, and depends on knowing the facts. Science can't help us either, since no matter how far back we go in history, we always find man living under some system of social tyranny, so that **we cannot know what man is like, or would be like**, in completely natural circumstances. Since we have no way to determine which of these hypotheses is correct, we must opt for the one that's more probable: the second one. To suppose that natural qualities can **be naturally perverted** is in a certain way contradictory. It's more natural to suppose that humanity's long exposure to tyranny-engendering social fictions has caused **our natural qualities to be perverted**, from birth, by a **spontaneous tendency to tyrannize**, even when we have no wish to tyrannize. And so the thinker will conclude, as I concluded, with near absolute certainty, in favor of this second hypothesis.

Temos, pois, que uma coisa é evidente... No estado social presente não é possível um grupo de homens, por bem intencionados que estejam **todos**, por preocupados que estejam todos só em combater as ficções sociais e em trabalhar pela liberdade, trabalharem juntos sem que espontaneamente criem entre si tirania, sem criar entre si uma tirania nova, suplementar à das ficções sociais, sem destruir na prática tudo quanto querem na teoria, sem involuntariamente estorvar o mais possível o próprio intuito que querem promover? Então o que é que podemos fazer?

So what do we do? It's obvious... We all work for the same goal, but **separately**.

Separately?! Trabalhamos todos juntos mas separados?

That's right. Didn't you follow my argument?

Yes. Of course. Claro que segui.

And doesn't this strike you as the logical, inevitable conclusion?

Acho, sim, claro! O que não vejo bem é como possa ser possível?

We all work for the same goal, but separately. If we're all working for the same anarchist goal, each of us will be contributing with his efforts toward the destruction of social fictions and the creation of the free society of the future. Working separately, we'll never **restrict** anyone else's freedom by dominating them nor stifle their freedom by helping them. We won't be acting on one another at all, so we cannot possibly create a new tyranny. We're still **morally united**, because each of us is working for the free society. But we stop being willing or unwilling **traitors** to our cause, since by working individually, we're not subject to the harmful influence of social fictions via their hereditary effect on the qualities that Nature gave us. Here at last was the true **Anarchist Method for promoting anarchism within a bourgeois context!** Together we had accomplished practically nothing, and on top of that we had tyrannized each other; hindering our freedom and our theories. Separately we also wouldn't achieve very much, but at least we wouldn't obstruct freedom or create a new tyranny. This discovery made me **ecstatic**. I went and shared it immediately with my comrades.... It's one of the few times in my life when I was plain stupid.

O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO

Não concordaram consigo, é claro...

They **caviled** and **quibbled**, they **bitched** and **moaned** every last one of them!

Impossível! That can't be right! It doesn't make sense! Não é nada disso! Isso não pode ser assim! Blá, blá, blá!

But no one could say what was right, or what would make sense. All I got were clichés, gibberish, the kinds of things ministers say in parliaments when they have no answers. They showed their true colors. The whole lot had been born to be slaves. They wanted to be anarchists at someone else's expense. They wanted freedom, as long as other people went and got it for them, as long as it was handed to them like a title from the **king**!

E V., escamou-se? Quero dizer: passou-se, irritou-se, esfodaçou-se?

I was furious! I almost came to blows with a couple of them. You can't imagine how disgusted I was with that pack of sheep I almost quit believing in anarchism. I almost decided to just forget about it all. But then I realized that the anarchist ideal was above all that bickering. If they didn't want to be real anarchists, I could still be one. If they just wanted to play at being libertarians, I wasn't about to join them. If the only way they knew how to fight was by hanging on each other and creating a new version of the tyranny they said they wanted to **destroy**, then they could do it on their own. It had become clear to me that in true anarchism each man must call on his own strength to create freedom and to fight social fictions. If the path had to be followed by each man separately then I needed no one else to follow it. My ideal was enough. It was with these principles and in these circumstances that I decided to fight social fictions **all by myself**. This is a **war**, I thought, between social fictions and me.

THE QUEEN OF THE FLEAS

Wuhtch

Prémio Almondega.
Wuotcht

Uma guerra? A war? Mas como podia V. sozinho, trabalhar na preparação da revolução social, na preparação da humanidade para a sociedade libertada?

I had to choose one of two methods: **indirect action**, which amounts to propagandizing, or **direct action** of one sort or another, unless, of course, I could use both. The fact is that direct action is generally more effective than propagandizing. I've never considered myself a speaker or writer. That's why I gave up on the idea of indirect action as a viable path for my anarchist activities. I was left, by elimination, with the path of direct action, in which my efforts would be applied to actual practice, to real life. **The path of action** instead of the intelligence. That's how it had to be. Fine. What, in practice, does it mean to struggle? To struggle, in practice, implies **war**, or at least a war.

A WAR? BAZOOKAS

A war? Combater? Iniciar uma guerra? Mas como é que se faz uma guerra às ficções sociais?

It wasn't in my power to destroy social fictions; that could only be accomplished by the social revolution. The most I could have done in the way of **actual destruction** was to kill one or more representative members of bourgeois society. I thought about it and realized it would be folly. Suppose I killed one or two or even a dozen representatives of the tyranny of social fictions. Would that help to undermine social fictions? Not at all. Social fictions are not like political situations, which can depend on a small number of men, sometimes on just one man. Social fictions are bad **in themselves** and not because of their representative members, who are bad only insofar as they represent social fictions.

3ª ENTRADA FALSA DA COCOREOGRAPHY

Tem toda a razão V. Um atentado contra a ordem social produz sempre **reacções violentas**; e depois, não só volta tudo ao mesmo, como a maior parte das vezes, ainda piora.

And suppose, as is probable, that I were arrested after making an assault – arrested and **liquidated**, in one way or another. And suppose I had finished off a dozen capitalists. What would be the end result? With my liquidation – even if that meant, not my death, but incarceration or banishment – the anarchist cause would lose one of its fighting constituents, whereas the twelve capitalists that I had laid flat would not signify a loss of twelve fighting constituents of bourgeois society, which is made up not of fighting constituents but of **purely passive ones**; the “fight” isn't against the members of bourgeois society **but against the body** of social fictions on which that society is founded. Social fictions are not people at whom we can fire shots... Do you see my point?

Claro que estou a ver onde quer chegar. Isso significava matar estupidamente porque nenhum inimigo seria realmente eliminado. Não podia portanto pensar em destruir, nem no todo nem em nenhuma parte as ficções sociais. Então o que se pode fazer? Tem que subjugar-las, vencê-las, dominá-las, reduzindo-as à inactividade. É isso? Claro! Deixe-me contar uma história também!

HISTÓRIA DO BOLHA BOLHINHA

Eh pá! Também tenho uma personal story! Eh pá! Vou contar a história do bolha que vivia nas correntes mais fundas do mar! O mundo parecia-se com o nada! Confusão! O bolha era feito de langonha! É verdade! Flutuava na maior; sem olhos sensível apenas à luz cheio de sonhos esquisitos retorcidos impetuosos! Até que! Chega um velho barbudo patatti patatá pumba vira o nada do mundo numa ordem pior que qualquer desordem. Deu cabo da vida ó bolha onde havia fluir e contemplação desmontou tudo e impôs confusão. O velho faz contas e pimba põe tudo na ordem, na linha, sempre a

andar. Um: céu para cima. Dois: águas para baixo. Três: terra para os ocos dos buracos e vai de fazer uma almondega gigante e põe-na a rodar.

O bolha vivia completamente sozinho sem palavras sem semáforos só sonhos e água gordurosa. Se se agitava começavam-lhe as dores a subir e o medo a espalhar-se! Eh pá! Um bolha esconde-se aguenta arrasta-se sente ganas de delirar mal se mexe não se sente à vontade para cuspir fininho! O velho às voltas do bolha sempre com o ar de quem ganhou ganhou sabe-se lá o quê! Eh pá! O velho transpirava pregos e confiança disparava trovões e piscadelas de raiva! O bolha tem ideias? Se tem esconde-as! Incha de medo ajoelhado na espuma das águas! Subitamente catrapumba gritos de fúria e vento que arrancam as coisas e põem-nas fora do lugar. Os poderes sombrios e o medo da loucura o nada e o riso revolucionaram o mundo. Vai mais um copo amigo! Ninguém topa! Eu sozinho esta noite? Mais sozinho que os ossos dos mortos que não morreram confessou o bolha! O velho pairava por ali toda energia e instintos de jardineiro derrama um mar de águas quentes sobre o gelo! O fim do primeiro dia: vinte quatro horas um dia inteirinho! Sufocava o bolha: vapores quentes, cabeça fria, merdas viscosas nos olhos dasse a confusão: pura poesia imunda de lama e pedregulhos e o sangue elevando-se por dentro como uma trepadeira! O sangue verde sobe ao céu: faz-se árvores! A revolução permanente! A voz de marinheiro embriagado gritava baixinho às coisas ordens dentro dos sonhos percebia-se qualquer coisa mas o quê?! Esboços de corpos; o desejo de criar espalhado por todas as coisas! No segundo dia viam-se sombras a vaguear, escadas e cordas pendidas entre o céu e a terra! Corpos vazios fragmentos cascas erros! Subia-se sem parar! Raios rompiam os céus! Chegou o terceiro dia: o velho não parava de remexer em tudo, num bulimento num estertor gases e tremonhos de terra. Deu-lhe para as arrumações. Ficou a ver-se o tutano, os ossos, as tábuas, restos de ferros retorcidos pó e mais pó de almas pobres. O que está de fora apoia-se no que está dentro! Por cima de tudo sombras e farrapos verdes a inveja de ser outro; algas imundas teimosas derramando-se sobre as praias o chão torcendo-se em direcção ao céu! Pancadas

nos ossos por dentro da carne, sons subterrâneos de algo que nascia empurrando a pele os dentes a ranger e luz. Quatro dias sem descanso! Trabalhadora. Nunca mais acabava! Furiosamente. Tim tim tim uma bolha Tam tam tam uma estrela Tum tum tum almondegas as marteladas os berbequins a furar a escavar a levantar pó por todo o lado. Linhas e filas de canos vazios

soltaram-se as cobras, minhocas verdesas, galinholas de pata pousada em paus solitários a olhar para o charco. Ui bicharias! Bichezas! A comerem-se uns aos outros. O bolha já um pouco mais do que isso já fora do buraco tremia a imaginar as dentuças dos macacões selvagens. Com cada gânfia. Perdia-se a olhar o mundo. Numa loucura a multiplicarem-se a fornicarem as noites numa excitação a encher os espaços vazios e as barrigas. Para baixo para baixo. O mundo e o nada passam num instante num sorriso. Cinco! Cinco dias passaram sonhos de sangue e raízes nos buracos dos olhos vacas, bois, porcos, cabras, raposas, lobos, dragões e macacas por aí abaixo, peixes, alforrecas, lulas, xiça aquilo repetia-se a mente do velho encarquilhava-se cansada, atingia limites, paralisava as hesitações, as angústias, o desespero deslizaram para dentro do bolha. O velho olhou-o nos olhos tortos e perninhas pequenas e pensou que desastre, tudo errado odiou a própria imagem. Tarde de mais! O bolha espalhou-se pela luz começaram a crescer-lhe as barbas, as pernas, os dedos, as vontades, os desejos e a fome não falhou nada. Eh pá! Impossível? Iguaizinhos. O bolha vai começa logo a espingardar! Pfff! Quem é que ele julga que é o velho? Escarra no chão e obriga-me a limpar? Eh pá! O velho é um buraco e as gajas? Hã? Também foram feitas à imagem dele? Também? Ok as afinal quantas coisas é que saem de dentro dele? O velho é um caleidoscópio? Um vidro desfocado? Um espelho reflector? Tudo feito à imagem dele? Gajos e gajas montes e vales cães e pulgas dasse. Ó homem tem calma e bebe mais um copo pá! No sexto dia de confusão, insónias, copos de três, jogos de cartas, canções de bêbados e acordeões ransosos o velho bateu à porta vinha despedir-se trazia um cabaz cheio de fruta da sua última obra o jardim das delícias. Comi uma maçã e adormeci! Corri como uma lebre macaca com as duas pernas e os dois braços esticados aos

gritos gritei com tanta força que acordei a flutuar no céu ao lado do velho. Olhei para baixo lá estava eu também. Ui! Foi de rir! Eu e mais eu! Em duplicado! Éramos imensos. O mundo é uma fábrica de sombras uma máquina de bolhas como eu. Iguais!Caí! Aterrei. Deslizei suavemente numa realidade vermelha e o sangue secou como sombra colada ao corpo. O chão magoava os pés. Aos poucos vieram as diferenças entre nós os bolhas. Os meus irmãos vieram viver todos mesmo aqui para baixo primeiro tudo lindo! Irmandade da boa deslumbrante mesmo! Comunitária! Libertária! Ninguém mandava em ninguém! Todos em tudo! Anarquistas do melhor! Todos sempre juntos! Primadonas mas tropeçaram logo! Uns falsários dissimulados! Era tudo tão lindo que as coisas começaram a azedar separámo-nos! É meu dizem eles! É teu? És mas é maluco isto é meu já te disse. Eh Pá! bebe um copo! Iguais a mim? Porcos! Macacos selvagens gatos assanhados! Sobem às árvores e pumba porcaria cá para baixo passo por eles tiro o chapéu e atiram-me coisas à cabeça! Eh pá! Não se aguenta fazem-me medo durante a noite a curtir a tocar tambores aos gritos o prédio almondega cheio de azia parece que vai tudo cair fico à rasca! Eh pá! Quero ir embora daqui para fora! Já. Quero uma almondega só para mim já! A bicheza toda que se dane! Pufff!Completamente entalado! Estou sozinho de vez! O velho foi-se embora descansar fez a trapalhada toda em seis dias e pimba vai-se embora curtir ao sétimo dia! Estou fodido! Eh pá! Desorientado sonho com o passado, com o fluir por aí, pelo espaço sempre a curtir, sem dores nas pernas, nas costas nem ataques de coração, sem problemas nenhuns. E agora? É isto o mundo a vida?! Todo sujo, cheiro mal que fedo, passo fome, tenho medo de mim próprio, uma cadela prenha queimadinha cão que não se aguenta nas canetas um escravo danado! Nã! Nem pensar! Mato-me prá'qui a limpar a xoça toda quero uma almondega só para mim! Pára aí! O mundo estremeceu mais uma vez! Vai-te embora gritei! A boca não se mexeu! Gritos dentro de mim! Dancei! Saltei mas não me mexi! Revolto-me! Vai-te embora velho de vez e nunca mais voltas! Cala-te! Paralisado! Perdi o equilíbrio! Caí no fundo do fundo! Assobios nos ouvidos a olhar para os pés do velho lá em cima! Eh pá! Já não tenho almondegas debaixo de mim ultrapassei o céu!

Continuam aí? Nada um sonho? Estou para além do velho! Comam-me tu velho e tu entusiasmo e tu também água choca! Eh pá! Saltem! Saltem! Peixes mortos. Eh pá! Eh! Tigre engole-me a mim e ao velho. Eh pá! Vírus ataquem-me! Crucifiquem-me preguem-me de novo ao chão este abismo dá-me vontade de partir tudo ansiedade! Medo! Desespero quero mais velho! Mexe-te! Xooooo quero muito mais! Impotência! Falta de ar aqui cheguem-se a mim o paraíso não nunca mais o paraíso nem agora nem nunca nem sempre calamidades ataques terroristas beijos na boca! Bolhas. Morte ao paraíso e a quem o apoiar! Deixa-me velho! Corta-me os tomates corta-me as orelhas não te quero mais! Vou embora! Eh pá! Destruir! Eh pá! Eh pá! Andem cá anda cá meu amigo beber um copo é lindo isto voltem cá! Deviam mexer-se vocês tudo a revoltar-se! Eh pá! Estás a ver velho? Estou morto cá para dentro de mim quando é que isso aconteceu? Estou morto dentro de um corpo vivo sou um sonho de velho morto! O langonha! O sombra! O bolha. Sou o que ficou por fora aprisionado ao de dentro. Meus amigos! Vai mais um copo!

4ª ENTRADA FALSA DA COCOREOGRAPHY

O senhor também saiu da bolha não foi? Diga-me: qual foi das ficções sociais a que escolheu para subjugar primeiro?

The **foremost** social fiction, at least in our own time, is **money**. Now how could I subdue money or, more precisely, the **power of money**, its tyranny? By becoming free of its influence and thus superior to it, making it inactive as far I was **concerned**. As far as I was concerned, please understand, since I was the one who was fighting it. To make it inactive as far as all humanity was concerned would mean not just **subduing** it but **destroying** it, since the fiction of money would cease to exist. But I've already proven to you that social fictions can only be destroyed by the **social revolution**, which will bring them all down, along with bourgeois society.

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIAL

Mas então como pode V. tornar-se superior à força do dinheiro?

The simplest method would be to withdraw from **the sphere of its influence**, that is, from civilization; to go to **the wilderness** and eat roots and drink stream water; **to be naked** and live **like an animal**. But this method, even if it posed no practical difficulties, wouldn't be a method for fighting a social fiction, because there's no **fighting** in it, just **fleeing**. Those who shy from the battle are not defeated physically, but they are defeated morally, because they didn't fight. No, I had to adopt another method – a method of fighting, not of fleeing. How could I subdue money by fighting against it?

Como é que conseguiu furtar-se à influência e tirania do dinheiro, não evitando o seu encontro?

The only possible method was **to acquire** it, to acquire enough of it to be free of its influence, and the more I acquired, the freer I would be. It was when I clearly saw this, with all the force of my anarchist **convictions** and all the logic of my **clear-thinking mind**, that I entered the current phase – **the banking and business phase** – of my anarchism. Now, remember those two logical problems that occurred to me at the beginning of my career as a conscious anarchist?

VIVA O ANARQUISMO

Sim lembro-me muito bem. Os dois problemas eram os seguintes: não é natural trabalhar por qualquer coisa, seja o que for, sem uma compensação natural, isto é, uma compensação egoísta; e não é natural dar o nosso esforço a qualquer fim sem ter a compensação de saber que esse fim realmente se atinge no final.

PAGA O QUE DEVES MACACO MAÚ

Observe how they were resolved. Since the method results in my getting rich, there is a selfish **reward**. And since **I free myself** from money, becoming superior to its power, I achieve the method's goal,

which is freedom. It's true that I achieve freedom only for myself, but as I've already proven, **freedom for everyone** will be achieved only when all social fictions are destroyed by the social revolution, which I can't bring about on my own. I strive for freedom and I achieve freedom. I achieve the freedom I'm capable of, since **I obviously can't achieve a freedom I'm not capable of...** So that's the method I followed. I set out to subdue the fiction of money by getting rich, and I **succeeded**. I **worked, struggled**, and made money; I worked harder, struggled harder, and made more money. I ended up making a lot of money.

SONG I LOVE MONEY

I confess, my friend, that I didn't think about the means. I resorted to all means available: **profiteering, financial finagling, and even unfair competition**. Well, why not? I was fighting inexcusably immoral and unnatural social fictions, so why did I need to worry about the means? I have achieved my limited dream as a practical, clear-thinking anarchist. **I'm free. I do what I want** – to the extent, of course, that what I want to do is indeed possible to do. My anarchist watchword was freedom, and today I have freedom – as much freedom as it's possible to have in our **imperfect society**.

LIBERTÉ, FRATERNITÉ, EGALITÉ

I set out to **fight** social forces; I **fought** them and, what's more, I **defeated** them.

Alto lá! Alto lá e pára o **bailarico!** Isto está a ficar uma **choldrisse!** Isso estará tudo muito bem, mas há uma coisa que V. não viu. As condições do seu processo eram, como V. provou, não só criar liberdade, mas também não criar tirania. Ora V. criou tirania V. como açambarcador, como banqueiro, como financeiro sem escrúpulos - V. desculpe, mas V. é que disse com todo o respeito - V. criou tirania. V. criou tanta tirania como qualquer outro representante das ficções sociais, que V. diz combater. Foi ou não foi?

NÃO FOI NÃO – CHEIRAS MAL

No my friend, you're mistaken. **I've created no tyranny.** Whatever tyranny may have resulted from my struggle against social fictions didn't originate in me, and so it isn't my creation. The tyranny resides in social fictions; I didn't add it to them. It belongs to the social fictions themselves, which I couldn't destroy, nor did I attempt to. For the hundredth time: only the social revolution can destroy social fictions; until then, all true anarchist action – such as my own – can do no more than **subdue** social fictions, and only in relation to the anarchist who puts this method into practice, for the method doesn't allow for a more wide-spread subjection of those fictions. What's at issue isn't the creation of tyranny but the creation of **new tyranny** – tyranny where there was none before. I, by the very conditions of my method, did not and could not create such tyranny. No, my friend; I created only freedom. **I freed one man. I freed myself.** My method, which I've shown to be the only true anarchist method, did not enable me to free anyone else. **I freed the man I could.**

I'M FREE TO DO WHAT I WANT

Lindo. It's beautiful my friend!. Está muito bem! Concordo e até quase fiquei comovido. Mas olhe que, por esse argumento, a gente quase que é levado a crer que nenhum representante das ficções sociais exerce tirania.

And no representative does. The tyranny belongs to social fictions and not to people who **embody** them. Such people are, as it were, the **instruments** by which those fictions exercise tyranny, as the **knife** is the instrument by which the **murderer** kills. You surely don't imagine that by eliminating knives you will eliminate murderers.... Suppose you destroyed all the **capitalists** in the world, but without destroying capital... On the **very next day**, capital would be in the hands of other people, through whom it would continue its tyranny. But if you destroy capital instead of capitalists, how many capitalists will be left? ... Do you see?

TÁS A VER? TÁS A VER? TÁS A VER?

Sim, vejo tudo um pouco turvo mas estou a segui-lo; milhões de capitalistas em queda por todo o lado. Que desgraça! V. tem razão.

The most – the very most – you can accuse me of doing is increasing slightly – ever so slightly – the tyranny of social fictions. But the basis of the charge is flimsy, because what I must not create, and in fact didn't create, is any **new tyranny**, as I've already explained.

ESTÚPIDO!

Mas olhe lá outra coisa: o verdadeiro anarquista quer a liberdade não só para si, mas também para os outros! Parece que o ouvi dizer que quer a liberdade para a **humanidade** inteira!

VIVA A LIBERDADE!

Of course. But as I've already explained, according to the anarchist method that I discovered to be the only viable one, each man must free himself. By achieving my own freedom, I did my duty with respect to myself and with respect to freedom.

Mr. ANARCHY

If my comrades did not do likewise, it's not because I **prevented** them. That indeed would have been a crime, but I never concealed from them the true anarchist method; as soon as I discovered it, I told them all about it. The **nature** of the method prohibited me from doing more than that. What more could I have done? Force them to follow this path? Even if that were possible, I wouldn't do it, for I would be **depriving them of their freedom**, which is against **my anarchist principles**.

E não podia simplesmente auxiliá-los? Dar-lhes algum guito?

SIM
DÁ CÁ O GUITO

That was also out of the question, and for the same reason. I've never helped others, that would infringe on their freedom, which is likewise against my principles. What you're **blaming** me for is that **I'm not more than one person**. Why not criticize those who didn't do their duty?

POIS CLARO

Pois sim, homem. Mas esses homens não fizeram o que V. fez, naturalmente, porque eram menos inteligentes que V. ou menos fortes de vontade, ou...

POIS...

Ah, my friend, but those are natural **inequalities**, not social ones, and anarchism can do nothing about them. The **degree** of a person's **intelligence** and **willpower** is a matter between him and **Mother Nature**; social fictions don't enter into that at all. There are, as I've mentioned, natural qualities that have no doubt been perverted by humanity's long exposure to social fictions, but the **perversion** is in the **application of the quality**, not in its degree, which depends exclusively on Nature. That's why I say that these are natural inequalities, over which no one has any power, nor can they be changed by changes in society, any more than such changes could make you tall or me short!

GOZAR COM PISTOLAS SEXUAIS

A não ser! A não ser que tomemos como exemplo alguém em que a perversão hereditária das desigualdades naturais vá tão longe que atinja o próprio fundo do seu temperamento humano. Sim, por exemplo, umas gajas que nasçam escravas, ou totalmente sem inteligência; que nasçam naturalmente escravas, e portanto

incapazes de qualquer esforço no sentido de se libertar. O que é que se pode fazer nesses casos para atingir a liberdade?

OH CAGALHÃO, MARICÃO BICHA LOUCA DÉBORA KRYSTAL
CHORA SANGUE VAMPYROSKA TRAVEKA ESCONDIDA

But in that case ...in that case ... what do they have to do with the free society, or with freedom? **For a man born to be a slave, freedom would be a tyranny, since it would go against his very nature.**

A LIBERDADE É UMA TIRANIA

Realmente, V. é anarquista. Em todo o caso, dá vontade de rir, mesmo depois de o ter ouvido, comparar o que V. é com o que são os anarquistas que praí andam esses malandrões preguiçosos...

As I've already explained and proven, my friend, the only real difference is that they are anarchists in theory, while **I'm a scientific one**; they are anarchists who cringe, while **I'm an anarchist** who fights and achieves freedom... They, in a word, are **pseudo anarchists**, while **I am a genuine one.**

AN EVIL MONKEY COCOREOGRAPHIE